

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – PENNA, Lucia Helena Garcia; CARINHANHA, Joana Iabrudi; LEITE, Ligia Costa. A Prática Educativa de Profissionais Cuidadores em Abrigos: enfrentando a violência por mulheres adolescentes. Rev Latino-am Enfermagem; 17(6); nov.-dez. 2009.

2) Resumo e Palavras-Chave – Este estudo objetivou identificar estratégias discutidas e utilizadas pelos profissionais cuidadores de abrigo na atenção às situações de violência, vividas pelas adolescentes, e discutir a prática educativa como tecnologia de cuidado no enfrentamento da violência. Com base na pesquisa qualitativa, os dados foram produzidos através de entrevistas a cuidadores de abrigo municipal para adolescentes e interpretados à luz da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram estratégias individuais e institucionais para o atendimento das adolescentes. Concluindo, ações educativas são tecnologias de cuidado no processo de ressignificação do valor da vida pelas adolescentes em situação de rua ou abrigadas, considerando a diversidade cultural – uma prática dialógica sistematizada e institucionalizada para o enfrentamento da violência vivida.

Palavras-Chave: adolescente institucionalizado; assistência integral à saúde; educação em saúde; menores de rua; violência contra a mulher.

3) Objetivo do estudo – Este estudo objetivou identificar estratégias discutidas e utilizadas pelos profissionais cuidadores de abrigo na atenção às situações de violência, vividas pelas adolescentes, e discutir a prática educativa como tecnologia de cuidado no enfrentamento da violência.

4) Tipo de pesquisa – Este estudo consiste em pesquisa qualitativa que busca debruçar sobre os significados, as subjetividades, os valores presentes no cotidiano de uma equipe de profissionais cuidadores de um abrigo para adolescentes. O cenário do estudo foi uma casa de passagem da rede de abrigamento municipal do Rio de Janeiro, localizado no bairro central da cidade, que acolhe adolescentes em situação de rua, ou seja, aqueles que estão afastados de suas famílias por motivos variados, desde situações de violência intrafamiliar, pobreza, até de risco na comunidade. Os protagonistas sociais deste estudo foram oito profissionais cuidadores do referido abrigo.

5) Período da pesquisa – Os dados foram produzidos, no período de novembro a dezembro de 2007.

6) Forma de coleta de dados – Entrevistas semiestruturadas com cuidadores de abrigo municipal para adolescentes.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico –análise de conteúdo. Para tanto, procedeu-se à leitura flutuante dos depoimentos, seguindo-se a delimitação de trechos das falas com significado pertinente ao objetivo do trabalho (unidades de registro). As unidades de registro foram agrupadas em categorias, conforme a proximidade da significação que continham. A partir de tal técnica, analisou-se a prática educativa dos profissionais de abrigo como tecnologia de cuidado numa perspectiva crítica e transformadora com base nas concepções teóricas de Paulo Freire.

8) Resultados / dados produzidos – Os resultados evidenciaram estratégias individuais e institucionais para o atendimento das adolescentes. O profissional, entretanto, não valoriza suas orientações – as ações educativas – da mesma forma que as ações de encaminhamento. Em outras palavras, é como se não percebessem o diálogo e a escuta como procedimentos de valor, como ações educativas. A ação só parece ser efetiva na forma do encaminhamento que tem uma resposta imediata, concreta e não como um processo do desenvolvimento humano, construído na vida, a partir de relações no mundo e com o mundo. As estratégias individuais dizem respeito ao acolhimento das adolescentes em conversas, nas quais se procura oferecer orientações diante das demandas observadas, ou trazidas, pelas próprias adolescentes, tais como: adequação do linguajar, organização financeira, aparência pessoal, regras de convivência. Apesar da referência em seus discursos de constantes capacitações formais, percebeu-se que as estratégias de cuidar utilizadas pelos profissionais têm em sua base perspectiva pessoal importante, que determina a forma de abordagem e manejo junto às adolescentes, conforme suas afinidades, habilidades, posturas e, principalmente, valores pessoais. As estratégias institucionais para o enfrentamento dos problemas identificados compreendem: os encaminhamentos e as atividades externas. Os encaminhamentos são diversos (serviços de saúde, escolas, cursos de profissionalização, estágios profissionalizantes), conforme a demanda da adolescente, porém, sem relação de intersetorialidade e acompanhamento processual da inserção social da adolescente. Apesar da parceria do abrigo com diversas instituições públicas e privadas, não se constitui uma rede – entendida como estrutura dinâmica em que os seus integrantes compartilham valores e objetivos comuns num processo de comunicação. Um estudo sobre as redes de prevenção à violência constata que as principais dificuldades para a atuação em rede são: diferença de compreensão, divergências políticas, ostentação pessoal, conflitos de papéis entre as entidades integrantes, rotatividade dos profissionais, diferentes ritmos de trabalho, incompatibilidade de quadros referenciais de vida e dificuldade de inclusão da família nas ações de proteção e de prevenção da violência.

9) Recomendações – As intervenções possíveis no âmbito das relações precisam ser fortalecidas através da reflexão e discussão de sua práxis cotidiana, de modo a produzir ações efetivamente dialógicas, mobilizando o potencial transformador de profissionais e adolescentes. Reconhece-se as ações dialógicas como tecnologias de cuidado fundamentais no processo de conscientização das jovens mulheres em situação de rua, ou abrigamento, em relação à sua realidade, ao reconhecimento de seus direitos de saúde, suas necessidades, despertando-as para a busca por qualidade de vida, promoção da saúde e prevenção de agravos (autocuidado).

Contudo, não pode ser uma prática rotineira de adequação das adolescentes às normas sociais vigentes, mas, sim, ação dialógica mais crítica, reflexiva, sistematizada e institucionalizada para o enfrentamento da violência vivida pelas adolescentes – uma proposta reconhecida como cuidado.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.